

Leopoldo Zea e o pensamento latino- americano nos séculos XX e XXI

Maria Teresa Toribio Brittes Lemos

Leopoldo Zea, em 30 de junho de 2002, completou noventa anos, em plena atividade intelectual. Zea nasceu na cidade do México, em 1912. Sua vida foi e continua sendo marcada pelo combate às desigualdades sociais, pela luta das idéias democráticas, soberania das nações, contra os imperialismos e a truculência das nações dominantes. Dignidade, sensibilidade, compreensão, dedicação e humildade constituem os traços da forte personalidade que singulariza a vida do grande intelectual que é professor Leopoldo Zea.

O interesse pelos problemas latinoamericanos começou precocemente. Desde muito jovem empenhou-se em apoiar movimentos para superar as desigualdades sociais e construir uma identidade latinoamericana. Em 1929 destacou-se na participação do processo político da candidatura de Jose Vasconcelos e na década de 1930 ingressou na Faculdade de Direito, dedicando-se também ao estudo da Filosofia.

Durante a Guerra Civil Espanhola (1938 a 1939) manteve contato com intelectuais espanhóis exilados que chegaram ao México, recebidos pelo presidente Lázaro Cárdenas. Entre aqueles pensadores encontravam-se Ortega y Gasset, Luis Recaséns Siches e Jose Gaos, que posteriormente atuaram na Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM). Nessa ocasião, Leopoldo Zea travou conhecimento com eles e iniciou uma amizade duradoura que norteou sua vida acadêmica, com troca de conhecimento e engajamentos ideológicos.

A influência daqueles intelectuais logo se fez sentir, refletindo-se em suas obras. Na década de 1940, Leopoldo Zea tornou-se um dos líderes da intelectualidade latinoamericana. Porém, suas atividades acadêmicas e seu pensamento não se restringiram apenas ao seu país. Conseguiu implementar projetos internacionais, recebendo adesão de acadêmicos da Argentina e Peru, destacando-se entre eles os argentinos Francisco Romero, Alejandro Korn e Coriolano Alberini.

Foi um período marcante e desafiador do pensamento latinoamericano, que se concretizou na década de 1960, com a filosofia da libertação e a reunião episcopal de Medellin, em 1968, marco da teologia da libertação. A luta contra as desigualdades e a

exclusão social difundiu-se no continente, fazendo surgir novas formas de pensar e aceitar a alteridade.

A participação de Leopoldo Zea como humanista internacional, no combate às desigualdades sociais e à difusão de uma identidade latinoamericana foi e continua intensa nos dias atuais. Durante a Guerra Fria, participou intensamente das discussões filosóficas e políticas, especialmente sobre questões que envolveram a Revolução Cubana e o papel de Fidel Castro que se desenhava no Caribe.

As reflexões de Leopoldo Zea sobre o homem e suas circunstâncias fundamentaram suas obras que contribuíram para o desenvolvimento da filosofia da libertação, lançando para o pensamento latinoamericano. Ao apontar as peculiaridades históricas da humanidade, a consciência que o homem deve possuir de seu passado e o seu papel social, Zea rompeu com as barreiras do obscurantismo que dominava grande parte da intelectualidade latinoamericana, abrindo caminhos para novas formas de pensar a realidade latinoamericana. Para ele “a história não é composta pelos acontecimentos puros, e sim a consciência que se tem deles”. É necessário aos povos colonizados recuperar sua “história” para se atingir à maturidade. E isso só será conseguido através do conhecimento de suas próprias experiências e da assimilação.

O percurso de Leopoldo Zea foi marcado pela dedicação à América Latina, como revelam suas obras. A partir de 1940, influenciado por Ortega y Gasset publica a História como sistema. Os Cuadernos Americanos estabelecem as linhas centrais de seu pensamento. Com El Positivismo en Mexico, tese apresentada em 1943, recebeu o título de Professor de Filosofia da UNAM. No ano seguinte assumiu a Cátedra de Filosofia, substituindo Antonio Caso, professor catedrático de Filosofia da História. Naquela ocasião defendeu a tese de Doutorado intitulada Apogeo y decadencia del Positivismo en México. Aquele estudo foi considerado uma das principais obras sobre o pensamento do século XIX, cujas permanências dominavam os eruditos das primeiras décadas do século XX.

Seu trabalho acadêmico foi recompensado com prêmios e bolsas de estudos. A Fundação Rockefeller lhe ofereceu uma Bolsa de Estudos, que lhe permitiu, entre 1945 e 1946, estreitar contato com pensadores da América Latina, como Francisco Romero, na Argentina, Gabriela Mistral e Jose Gaos, entre outros intelectuais.

Engajado no processo do conhecimento nunca deixou de produzir e divulgar suas investigações, frutos de seus estudos e reflexões. Além das produções também editou livros e revistas. Na década de 1970 foi nomeado Diretor Geral de Difusão Cultural da UNAM, ampliando sua área de atuação acadêmica.

Deve-se observar que as experiências obtidas pelas viagens à África, após os movimentos de libertação, na década de 1960 e as missões oficiais à Ásia proporcionaram-lhe uma visão global da latinidade. E por outras óticas compreender como os demais povos viam a América Latina, ao mesmo tempo em que difundiu a cultura latinoamericana.

Recebeu os títulos de Doutor Honoris Causa da Universidade Nacional de Cuyo, Argentina e da Academia de Ciências da Rússia, em Moscou. Em 2000, o governo mexicano lhe outorgou a Medalha Belisario Dominguez. Sempre preocupado com os grandes problemas que assolam o país, Zea tornou-se um grande defensor da questão indígena.

Construção do pensamento latinoamericano

A filosofia de Leopoldo Zea, segundo Magallón Anaia (2003) é uma forma de pensar que parte de sua própria intuição original e exprime, além da realidade que ele apreende sobre a América Latina, o desejo de também transformar. É um pensador que exerce um pensamento de ação, uma práxis teórica, a qual realiza com consciência e liberdade.

O pensamento de Zea apresenta duas vertentes: a teórica especulativa, com insistente apelação ao método histórico dominante em toda a sua obra e um humanismo latinoamericanista e universalista por sua forma de reiteração de articulações-chaves, atingindo toda a América Latina, assim como outros continentes, construindo dessa maneira outras formas de se pensar a latinidade, a liberdade e o progresso.

A filosofia de Zea, segundo Magallón Anaia, pode se inscrever “dentro da tradição ocidental que postula a filosofia como verdade histórica, onde ressoam as filosofias historicistas e existencialistas de diversos cunhos” (p.100).

Para Zea, o ser humano é um ente histórico. Assim, ele se aproxima de Dilthey, Ortega y Gasset, por conseguinte com Jose Gaos, do qual é discípulo. Todos convergem para a idéia de que a essência do humano é a história. Por essa perspectiva histórica, a verdade para Zea adquire um valor de espaço e tempo, destacando-se em suas reflexões o vínculo entre as idéias abstratas e a concretude histórica com os demais saberes da cultura.

Desde suas primeiras obras é importante para Zea contextualizar o discurso filosófico. Ele se preocupa em especificar e fazer convergiro concreto com o universal. Esta mesma preocupação amplia o campo da cultura. Por essa razão analisa o problema da relação dialética entre convergência e especificidade, porém só a partir do específico, do peculiar, das diversas expressões culturais dos homens e povos que habitam este universo.

Há, no entanto, o fato de que os seres humanos são autores de idéias de diverso caráter, e não apenas filosóficas, preocupou a análise de Zea, acentuando sua reflexão sobre os problemas sociais. Essa preocupação se acentuou ainda mais com as alterações no contexto histórico latinoamericano, na década de sessenta e início de setenta, quando surgiram novas formas de lutas como a Filosofia da Libertação e o e a Teologia da Libertação¹.

Assim, para Zea, na América Latina quando se identificou as formas de dominação na região na Argentina, se articulou de imediato com a filosofia da libertação as estratégias teóricas e os objetivos de um discurso libertador. De fato, a universalização da filosofia não se consegue apenas com o discurso da libertação, através da imposição, mesmo do próprio eurocentrismo e da mal chamada filosofia universal.

Assim, Zea procurou ir além da circunstância histórica e do método de filosofar europeu. Trata-se de uma dialética que vai da práxis à teoria e vice-versa, porém uma dialética aberta. As circunstâncias que ele propõe é uma forma original de aproximar-se do humano.

Bibliografia

Lizcano Fernandez, Francisco – Leopoldo Zea - Uma Filosofia de la Historia. México, UAEM, 2004

MEDIN, Tzvi. **Leopoldo Zea**: Ideología, historia y filosofía de América Latina. México City: Universidad Nacional Autónoma de México, 1986. ...

Superbus Philosophus, El Colegio de México, México, 1942.

El positivismo en México. Nacimiento, apogeo y decadencia, El Colegio de México, México, 1943. (Y en Fondo de Cultura Económica, 1968).

Apogeo y decadencia del positivismo en México, El Colegio de México, México, 1944.

En torno a una filosofía americana, El Colegio de México, México, 1945.

Esquema para una historia del pensamiento en México, Facultad de Letras, Lima, 1946.

Ensayos sobre filosofía de la historia, Stylo, México, 1948.

Dos etapas del pensamiento en Hispanoamérica, El Colegio de México, México, 1949.

El núcleo de una filosofía

¹ -Zea, Leopoldo – La esencia de lo americano. Buenos Aires, Pleamar, 1971, p. 52

Conciencia y posibilidad del mexicano, Porrúa, México, 1952.

La filosofía como compromiso y otros ensayos, Fondo de Cultura Económica, México, 1952.

América como conciencia, Cuadernos Americanos, México, 1953 .

La conciencia del hombre en la filosofía. Introducción a la filosofía, Imprenta Universitaria, México, 1953.

El Occidente y la conciencia de México, Porrúa, México, 1953.

América en la conciencia de Europa, Los Presentes, México, 1955.

La filosofía en México, Libromex, México, 1955.

Del liberalismo a la revolución en la educación mexicana, Instituto de Estudios de la Revolución Mexicana, México, 1956. (Y en Cuadernos Americanos, Universidad de Carabobo, 1960).

Esquema para una historia de las ideas en Iberoamérica, Imprenta Universitaria, México, 1956.

América en la historia, Fondo de Cultura Económica, México, 1957.

Las ideas en Iberoamérica en el siglo XIX, Universidad de La Plata, La Plata, 1957.

Su paso por la política

La cultura y el hombre de nuestros días, Imprenta Universitaria, México, 1959.

Democracia y dictaduras en Latinoamérica, Universidad de Los Andes, Mérida, 1960.

Dos ensayos, Universidad de Carabobo, Valencia, 1960.

Latinoamérica y el mundo, Universidad Central, Caracas, 1960 .

Europa al margen de Occidente, Imprenta Universitaria, México, 1961.

Antología del pensamiento social y político de América Latina, Unión Panamericana, Washington, 1964.

La madurez de una obra

Latinoamérica en la formación de nuestro tiempo, Cuadernos Americanos, México, 1965.

El pensamiento latinoamericano, Pormaca, México, 1965. (Y en Editorial Ariel, Barcelona, 1976).

Antología de la filosofía americana contemporánea, Costa Amic, México, 1965.

La filosofía americana como filosofía sin más, Siglo XXI, México, 1969.

Colonización y descolonización de la cultura latinoamericana, Ministerio de Educación, Caracas, 1970.

La esencia de lo americano, Pleamar, Buenos Aires, 1971.

Latinoamérica. Emancipación y neocolonialismo, Tiempo Nuevo, Caracas, 1971.

Los precursores del pensamiento latinoamericano contemporáneo, Sep-Sentas, México, 1971.

Dependencia y liberación en la cultura latinoamericana, Joaquín Mortiz, México, 1974.

Dialéctica de la conciencia americana, Alianza Mexicana, México, 1976.

La filosofía actual en América Latina (coautor), Grijalbo, México, 1976.

Filosofía latinoamericana, Edicol, México, 1976.

Filosofía y cultura latinoamericanas, Centro de Estudios Latinoamericanos Rómulo Gallegos, Caracas, 1976.

Latinoamérica, Tercer Mundo, Extemporáneos, México, 1977.

Filosofía de la historia americana, Fondo de Cultura Económica, México, 1978.

Pensamiento positivista latinoamericano (selección y prólogo), Biblioteca Ayacucho, Caracas, 1980.

Simón Bolívar, integración en libertad, Edicol, México, 1980.

Desarrollo de la creación cultural latinoamericana, Universidad de las Naciones Unidas, Tokio, 1981.

Latinoamérica en la encrucijada de la historia, UNAM, México, 1981.

Sentido de la difusión cultural de América Latina, UNAM, México, 1981.

Latinoamérica, un nuevo humanismo, Editorial Bolivariana, Tunja, 1982.

La transformación de la filosofía latinoamericana, Universidad de las Naciones Unidas, Tokio, 1983.

Filosofía de lo americano, Nueva Imagen, México, 1984.

América como autodescubrimiento, Universidad Central, Bogotá, 1986.

El problema cultural de América, UNAM, México, 1987.

Discurso desde la marginación y la barbarie, Anthropos, Barcelona, 1988.